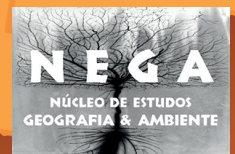


VOLUME 1
Cartografias
contracoloniais



ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e

de Coordenação Acadêmica (PROPG)

José Antonio Poli de Figueiredo,

Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)

Adelina Mezzari,

Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)

José Antônio dos Santos,

Diretor do Departamento de Educação

e Desenvolvimento Social (DEDS)

Alan Alves Brito,

Coordenador do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)

Luis Carlos Espindula,

Diretor da Gráfica da UFRGS

Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Geografia (POSGEA)

Marcelo Argenta Câmara,

Chefe do Departamento de Geografia

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Geografia & Ambiente (NEGA)

Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA



**ATLAS DA
PRESENÇA QUILOMBOLA
EM PORTO ALEGRE/RS**

Volume 1

**Cartografias
contracoloniais**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras**



QUILOMBO FAMÍLIA DE OURO

CAVALO-DE-SANTO

*Que o chocalho
baralhe
meus olhos,
adjá
badale
meus tímpanos,
meu corpo rode rode,
constas arroteiem
agê me agite a alma
e esse batuque
dos atabaques
vá me deixando
tatibitate.*

Oliveira Silveira, 1981



VERSÃO DIGITAL

COMO CITAR:

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado; MARTINS, Francine Suelen da Rosa; GONÇALVES, Glória Farias; ROSA, Maiara Priscila Peres da; RIBEIRO, Mara Rejane; MARTINS, Marilu; ROSA, Paola Juliana Peres da; ROSA, Patrícia de Lourdes Peres da; *et al.* Quilombo família de Ouro. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 313-340



NARRATIVAS ESPACIAIS DO QUILOMBO DA FAMÍLIA DE OURO

O Quilombo Família de Ouro Ylê de Oxum e Ossanha é a oitava comunidade quilombola de Porto Alegre a se autorreconhecer. Esta é, também, uma comunidade de tradição religiosa de matriz africana e está situada na Vila MAPA, na parada 4 do bairro Lomba do Pinheiro (Figura 1). Atualmente, há mais de 80 famílias irmanadas, através de vínculos espirituais e de parentesco. O Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA/UFRGS), através da mediação da Frente Quilombola do RS, entrou em contato com Patrícia de Lourdes Peres da Rosa, liderança quilombola, para a realização da cartografia social da comunidade do Quilombo da Família de Ouro.

Patrícia de Lourdes Peres da Costa, a Mãe Paty (Figura 2), é a principal representante política e espiritual da comunidade. Mãe Paty é a matriarca do Ylê de Oxum e Ossanha, que segue a tradição religiosa africanista e umbandista, cultivada em sua família por gerações.

Sobre a tradição religiosa da família (Figura 3), Patrícia destaca que:

A minha bisavó aprontou a minha avó, a minha avó aprontou a minha mãe, a minha mãe me aprontou, e agora eu aprontei as minhas irmãs e as minhas filhas. (depoimento pessoal de Patrícia de Lourdes Peres da Costa em entrevista concedida ao NEGA, em 29/09/2020)

Assim, as histórias do Quilombo Família de Ouro (Figuras 4 e 5) atravessam gerações e estão conectadas para além dos laços consanguíneos. Através da tradição religiosa, são expressas as heranças, que remontam ao tempo da bisavó Maria, a preta velha Maria da Conga, que, na década de 1940, tinha uma grande e forte terreira na Rua Paulino Azurenha, no bairro Partenon.

Em dado momento, essa terreira passou a ser organizada por uma associação, que contava com as presenças do então prefeito da cidade e do diretor-geral da Santa Casa. Com a morte da bisavó Maria no começo da década de 1960, sua filha, a avó Ruth Ribeiro Pereira, foi expulsa da terreira, sem direito a nada, pois, na época, por ser muito nova, não participava da diretoria da associação. Ruth ficou um tempo, morando com uma parte da família, que vivia no bairro Teresópolis, e, depois, voltou para Cruz Alta, município de origem da família, retornando a Porto Alegre e se instalando na parada 4 da Lomba do Pinheiro (Figura 6), em terreno doado por um fazendeiro de Cruz Alta, que possuía terras na Lomba e que queria um casamento. O fazendeiro prometeu que doaria um terreno na Lomba do Pinheiro a Ruth, avó de Mãe Paty, se o pai Ogum lhe concedesse um casamento. Assim se iniciou a história do Quilombo Família de Ouro no território e na comunidade da vila MAPA, na parada 4 do bairro Lomba do Pinheiro.

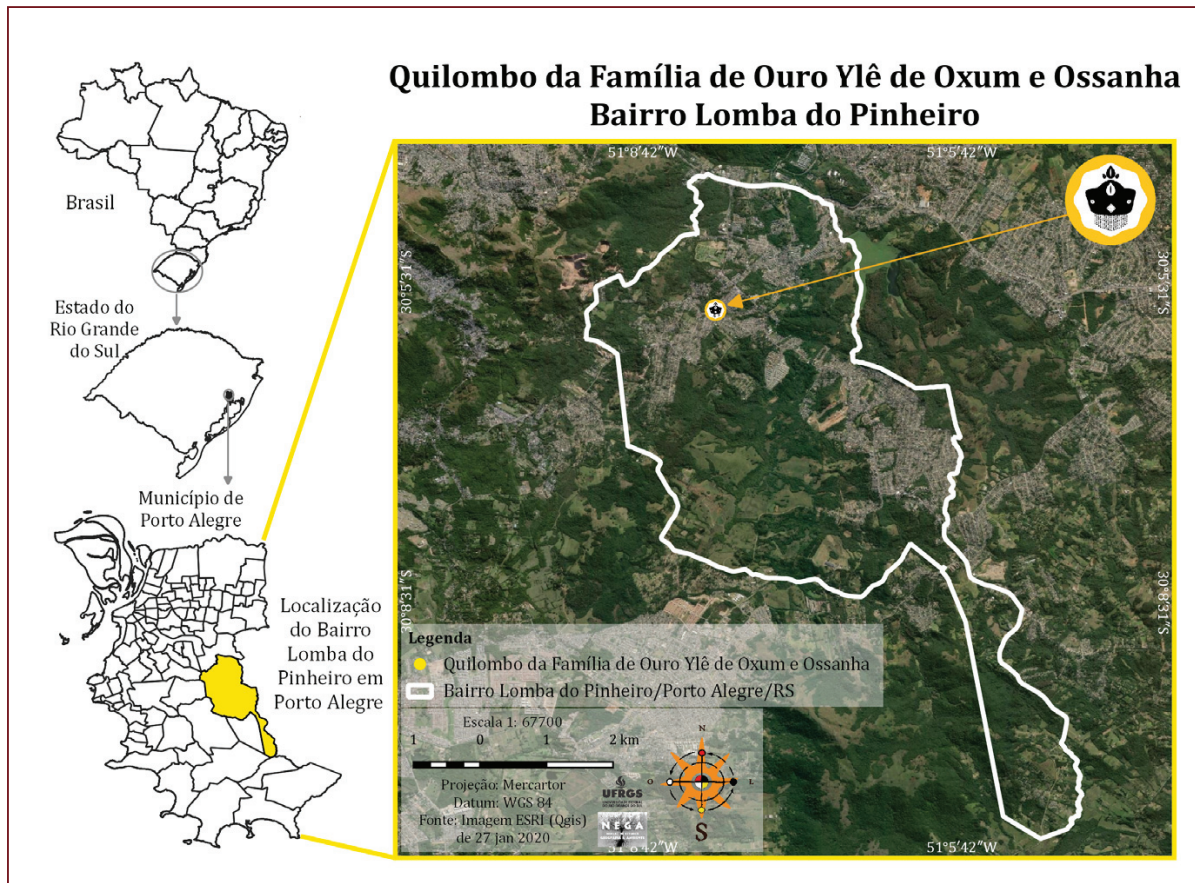


Figura 1 – Mapa de localização do Quilombo Família de Ouro em Porto Alegre
Fonte: NEGA (2021)



Figura 2 – Mãe Paty de Oxum
Fonte: arquivo do Quilombo de Ouro (2020)

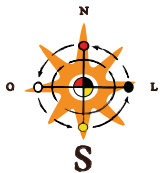


Figura 3 – Mãe Paty e sua filha, Andrielle da Rosa Martins.
Fonte: acervo de Dayanne Santos (2020)

A Lomba do Pinheiro é um dos maiores bairros de Porto Alegre em extensão, e se encontra na divisa da cidade com o município de Viamão. Criado em 1959, sua configuração é fruto das políticas de remoções das populações negras e periféricas dos territórios da Ilhota, do Rio Branco e do Mont’Serrat, a partir da década de 1960, e do encontro destas populações com os proprietários rurais, que possuíam terras no bairro.

A Lomba do Pinheiro possui uma grande diversidade territorial. Além de apresentar a relação urbana e rural, há a presença da Aldeia Indígena Anhetengúá – Comunidade Mbyá-Guarani, que reúne em torno de 16 famílias. Hoje, a chamada Av. do Trabalhador ou João de Oliveira Remião integra o seu espaço com a mobilidade e com fluidez, que a cidade produziu e que continua produzindo. O adensamento populacional e a expansão urbana decorrem da divisão de glebas rurais em lotes, de menores dimensões. A ocupação urbana se deu nas linhas de cumeada das colinas, cujas declividades favoreciam à urbanização. A vila Esmeralda, instalada na Lomba do Pinheiro, em 1954, é considerada o mais antigo assentamento do bairro. Entretanto, a ocupação mais intensiva se consolidou apenas no início da década de 1970, com a implantação de vários núcleos habitacionais, dos quais destacamos a Vila MAPA (Figura 7).



A população da Lomba do Pinheiro está associada aos processos migratórios internos de Porto Alegre, em virtude da especulação imobiliária do centro da cidade e do racismo estrutural urbano, imposto pelos processos de higienização, aplicados ao desenvolvimento socioespacial, gerando preços muito altos, tanto para aluguel quanto para aquisição da casa própria. Logo, destacamos que o bairro acolheu as migrações, provindas de outros municípios do Rio Grande do Sul, no período da década de 1960, pois as pessoas viam, na cidade, uma melhor maneira de viver, através das oportunidades de serviços.

Conforme Freire (2000), na área da atual Vila MAPA se localizava uma grande propriedade rural, que pertencia à família de Maria Amália Almayde. Na década de 1940, os novos proprietários dividiram a terra em lotes. O poder público municipal, projetando alocar famílias, oriundas das remoções da região central de Porto Alegre, desapropriou o terreno, para abrigar os novos moradores. Conforme o autor, nesse momento (1964), o Movimento Assistencial de Porto Alegre (MAPA), cuja sigla originou o nome da vila, que foi criada, contendo unidades habitacionais de madeira, com tamanho de 2,5 metros x 5,5 metros.

Desde o seu surgimento, a comunidade começou a crescer, em decorrência do processo das remoções, sobretudo, da população negra da região central da cidade, e das migrações, provocadas pelo êxodo rural. Conforme os relatos dos primeiros moradores, na obra *Memórias dos Bairros – Lomba do Pinheiro* (FREIRE, 2000), o início foi repleto de dificuldades, pois a água era obtida pelo abastecimento de caminhões-pipa ou em poços artesianos, assim como também não havia luz. Com o passar dos anos, as lutas por melhorias na infraestrutura foram se ampliando e, ainda que existam muitas dificuldades, são apresentadas qualificações dos espaços, através de equipamentos públicos, como escolas, unidades básicas de atendimento à saúde e transporte.

Patrícia nos conta que a família é uma das fundadoras da Escola de Samba Unidos da Vila MAPA (Figura 8), com a qual ainda mantém estreitas relações. Além disso, a partir da sua terreira, Ylê de Oxum e Ossanhas (Figura 9), são desenvolvidas atividades comunitárias, como o Teatro dos Orixás, espetáculo que é regularmente apresentado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Villa-Lobos (Figura 10), escola em que todas as gerações da Família de Ouro nascidas na Vila Mapa estudaram ou estudam.

O espaço do Ylê de Oxum de Ossanha abrigou a terreira de sua mãe carnal, Mara de Fátima Peres da Rosa, e, há mais de 15 anos, abre sua casa de religião. Durante as reformas no terreno, foram descobertos túneis, que, segundo os moradores da região, vinham das senzalas (Figura 11), nas quais, no passado, os estancieiros da região mantinham sujeitos negros e indígenas escravizados. Os túneis, segundo Patrícia, eram usados como rotas de fugas destas populações,



ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA DE OURO

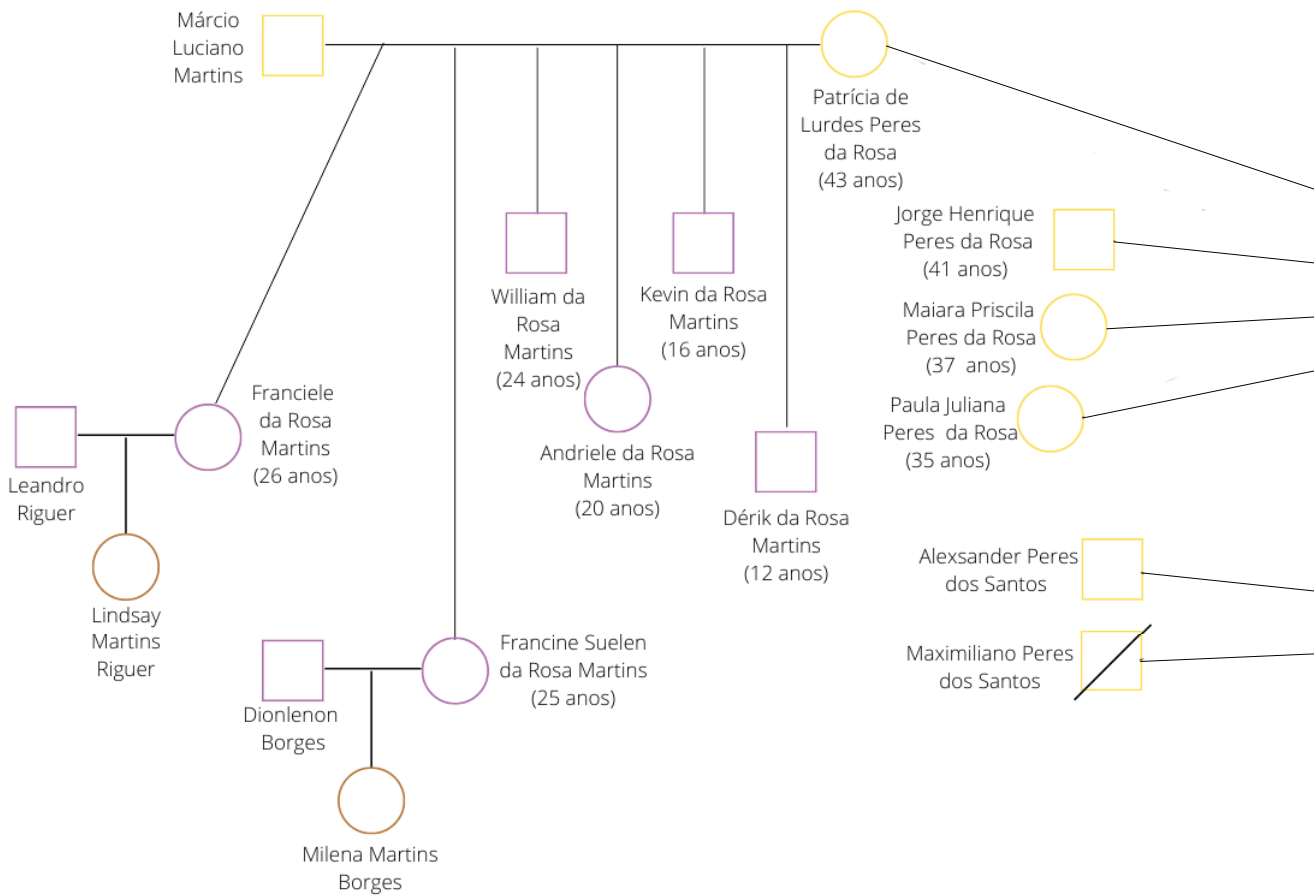
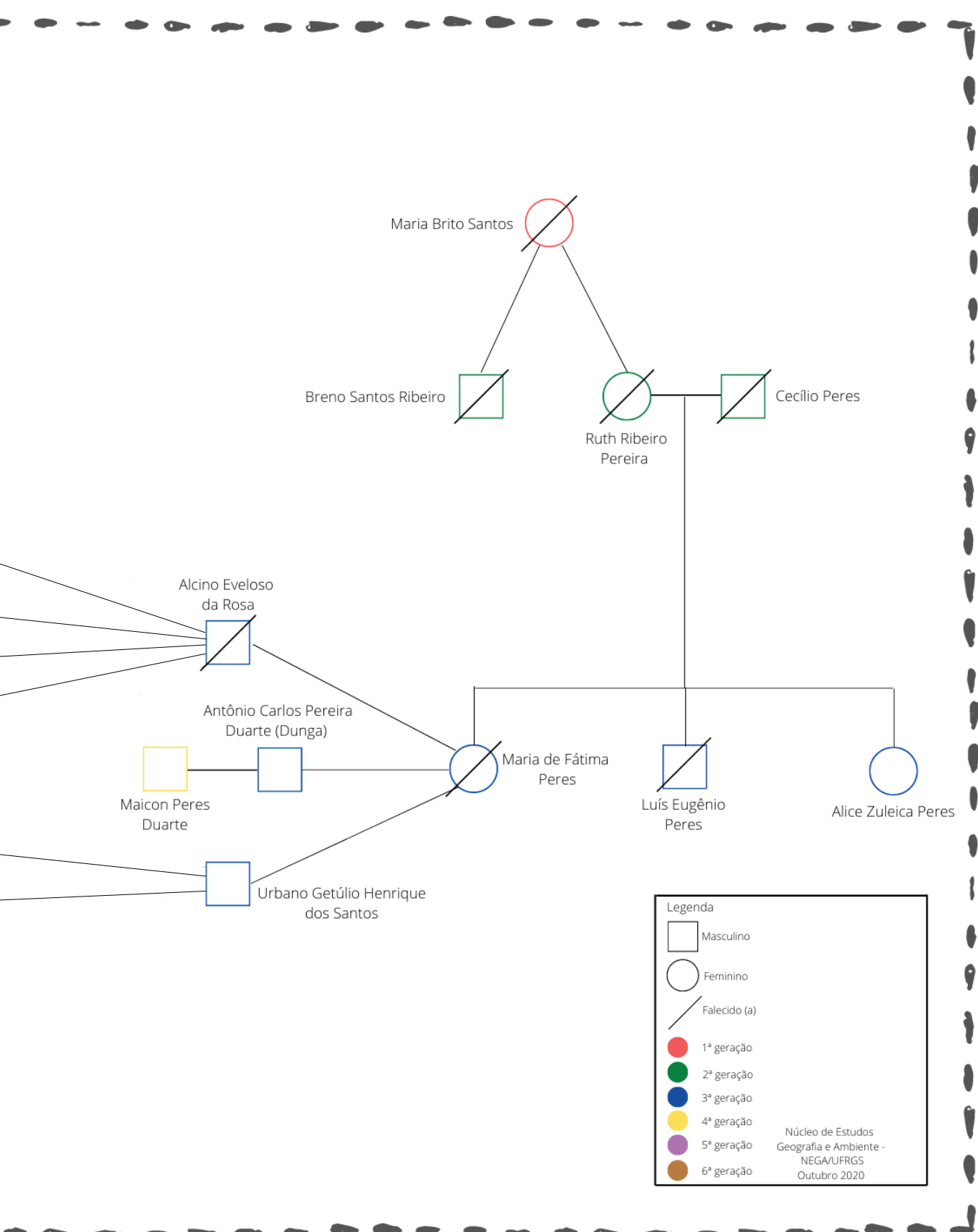


Figura 4 – Árvore genealógica da família de Ouro
Fonte: NEGA (2020)



Legenda

- Masculino
- Feminino
- Falecido (a)
- 1ª geração
- 2ª geração
- 3ª geração
- 4ª geração
- 5ª geração
- 6ª geração

Núcleo de Estudos
Geografia e Ambiente -
NEGA/UFRGS
Outubro 2020



Figura 5 – Família de Ouro
Fonte: arquivo do Quilombo de Ouro (s/d)

Diáspora Quilombola: Família de Ouro, década de 1940

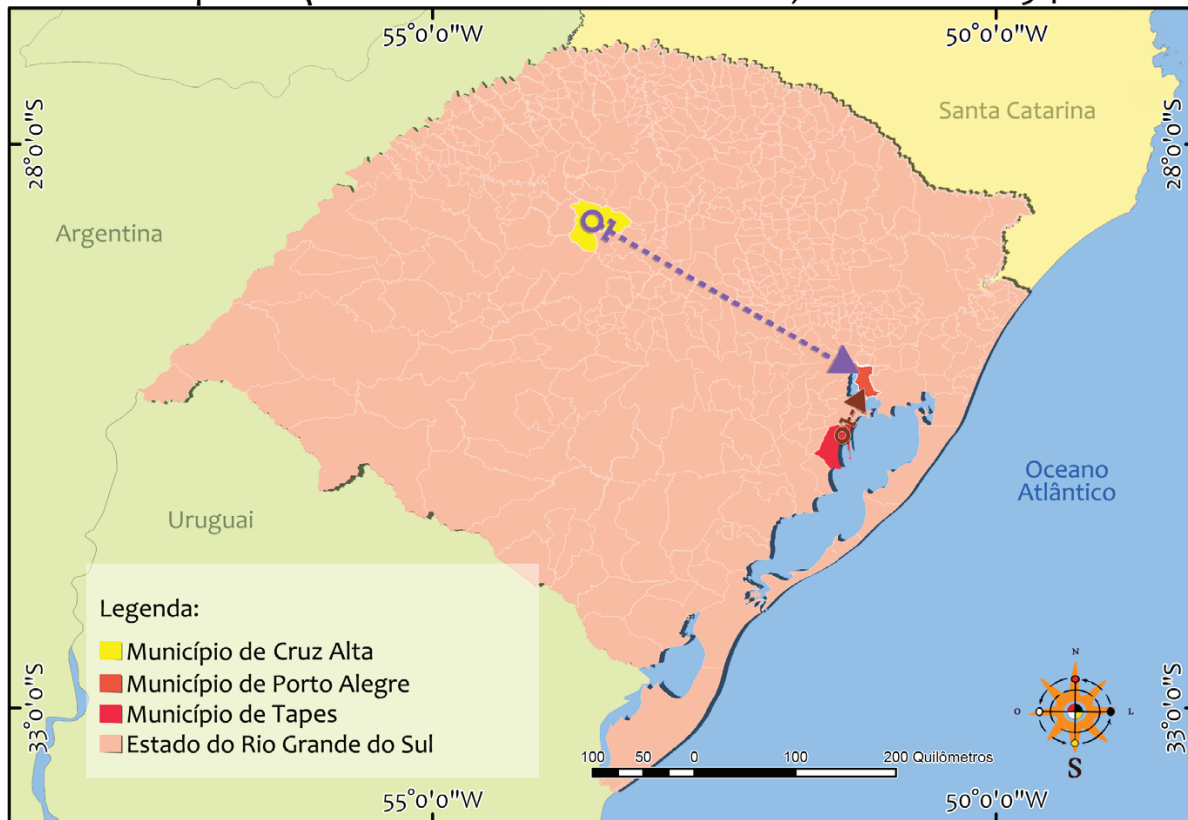


Figura 6 – Mapa da diáspora da Família de Ouro pelo Rio Grande do Sul
Fonte: NEGA (2020)



Figura 7 – Vista geral da Vila MAPA. No alto, está a caixa d'água, referência espacial aos habitantes.

Fonte: Freire *et al.* (2000)

que tanto sofreram, mas que também muito trabalharam na construção do bairro Lomba do Pinheiro e da cidade. Contudo, não há mais resquícios destas passagens, que foram aterradas, durante as reformas do Ylê.

O Quilombo Família de Ouro é representado pela terreira. Intelectuais, como Muniz Sodré (2002) e Abdias do Nascimento (2019), declararam, em seus estudos, o papel das terreiras na preservação das identidades negras, ao longo da formação socioterritorial brasileira, justificando o papel das terreiras, como espaços seguros, encontrados pelos povos transplantados, para a manutenção de suas tradições e culturas. Contudo, essa segurança é relativa, pois, quando ocorre pela afinidade de crenças e de práticas entre os filhos da religião, possibilita a manifestação do sagrado, mas, quando se dá em conflito com as leituras preconceituosas do Estado e da sociedade, expõe as várias faces do racismo e da intolerância religiosa (Figura 12).

Na **Espiral das Resistências do Quilombo de Ouro** (Figura 13), apresentamos o registro de importantes marcos históricos do percurso da família de Ouro.



Figura 8 – Quadra de samba da Unidos da Vila MAPA.
Fonte: acervo de Dayanne dos Santos (2020)



Figura 9 – Teatro dos Orixás, durante a II Assembleia dos Povos.
Fonte: Allas Derivas | @derivasjornalismo (2018)



Figura 10 – EMEF Heitor Villa-Lobos.
Fonte: NEGA (2020)



Figura 11 – Ruínas de uma senzala na Lomba do Pinheiro, local de onde, acredita-se, saíram os túneis encontrados nas fundações do terreno do Ylê de Mãe Paty
Fonte: acervo de Luiz Fonte (2012)



Figura 12 – Mãe Paty e seus filhos de santo, em protesto contra a privatização do Mercado Público de Porto Alegre, importante ponto da tradição africanista de Porto Alegre
Fonte: arquivo do Quilombo Família de Ouro (2020)

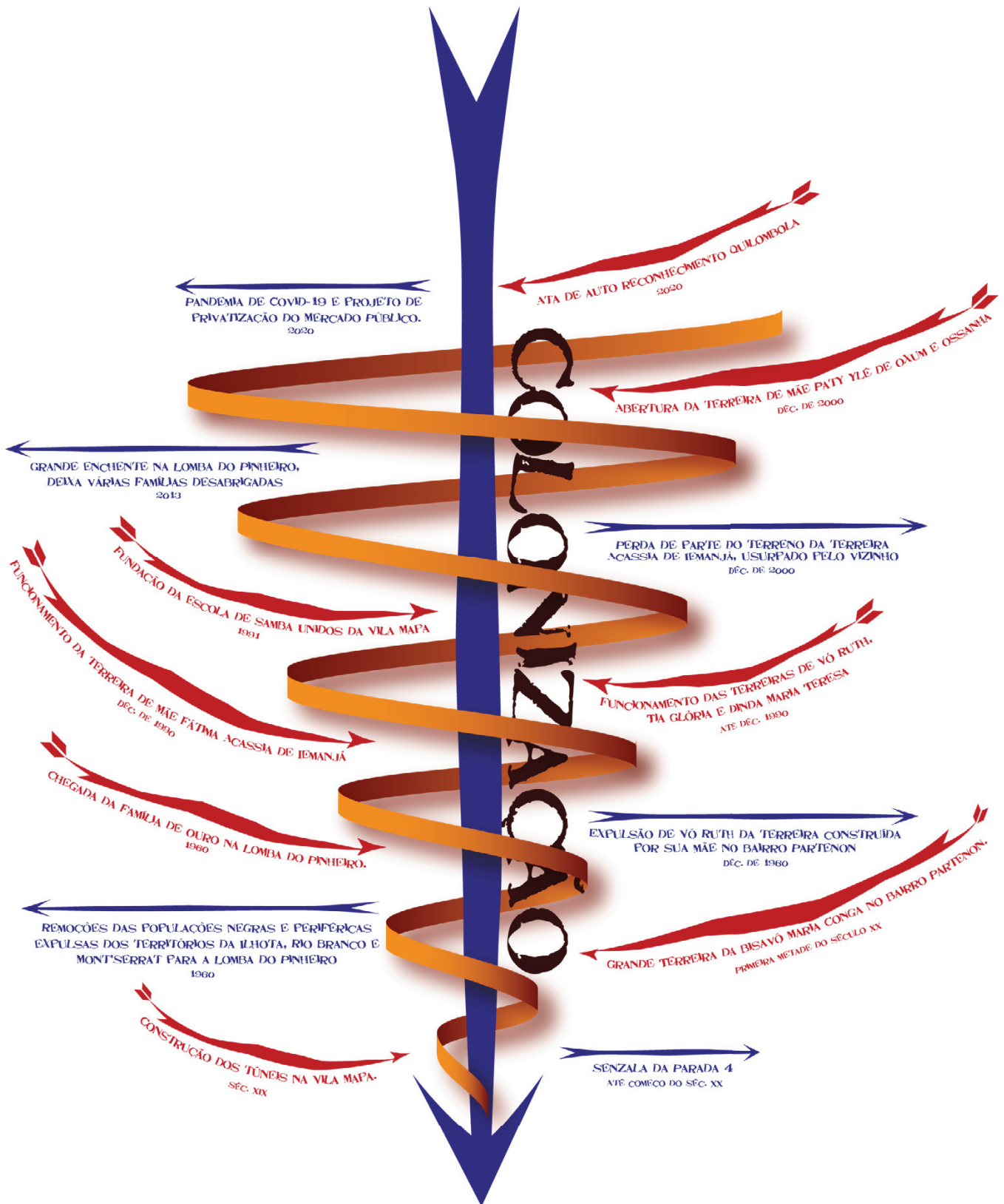


Figura 13 – Espiral das Resistências do Quilombo Família de Ouro
Fonte: NEGA e Patrícia de Loures Peres da Rosa (2020). Ilustração: Gabriel Muniz (2021)



CARTOGRAFIAS CONTRACOLONIAIS DO QUILOMBO DA FAMÍLIA DE OURO

No dia 29 de setembro de 2020, realizamos o trabalho de campo no Quilombo Família de Ouro (Figura 14), seguindo os protocolos de distanciamento, recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), para o arrefecimento de contaminação pelo Coronavírus. Nesse momento, foi feita uma entrevista com a liderança, Mãe Paty, e com outras mulheres da comunidade. A partir das narrativas das mulheres e da realização de revisões bibliográficas, foi possível desenvolver as cartografias contracoloniais deste capítulo.

As cartografias contracoloniais foram desenvolvidas, a partir das ideias de Santos (2005), que têm o objetivo de propor a interpretação do mundo, a partir dos sujeitos, que se opõem e que resistem aos processos colonizadores, que, apesar de serem violentados pelo colonialismo, não se deixam dominar por ele e, portanto, no jogo de colaborações e de contradições do poder, seguem engendrando tradições e culturas, que movimentam a produção do espaço da cidade. O conceito de cartografia contracolonial deriva da associação teórico-metodológica das concepções de Bispo e da construção metodológica da cartografia social (ACSELRAD, 2008). Associamos, ao desenvolvimento das cartografias, as construções teóricas de marcadores territoriais de Isabel Henriques (2003) e os valores afrocivilizatórios dados por Azoilda Trindade (2010), que são enunciados



Figura 14 – Entrevista com as mulheres da Família de Ouro.
Fonte: NEGA (2020)



pelos entrevistados, ao longo da construção dialógica dos mapas, resultantes da realização das entrevistas semiestruturadas sobre o lugar, sobre as memórias e sobre as trajetórias do entrevistado, em que registramos as marcas territoriais da comunidade, com o auxílio de uma imagem de satélite. Através do lugar de escuta (FREIRE, 2016), que ocupamos, como pesquisadora/es, desenvolvemos, em parceria com as lideranças comunitárias, as interpretações e as afirmações sobre os territórios quilombolas, que dão origem às cartografias contracoloniais.

Na cartografia **Quilombo da Família de Ouro: Marcadores Territoriais** (Figura 15), foram registrados os percursos e as memórias geo-históricas do espaço, que remontam aos princípios da formação do bairro Lomba do Pinheiro. Logo, cartografamos a presença da Família de Ouro no território, destacando os movimentos e as conquistas da família nessa caminhada, que, há muitas décadas, constrói a cultura umbandista de Porto Alegre e que contribui, para o fortalecimento da cultura negra na cidade.

Os marcadores territoriais demonstram a confluência territorial. Baseada nas ideias de Santos (2015), observa-se que a territorialidade quilombola da Família de Ouro conflui com as práticas sociais, culturais e, sobretudo, sagradas na manutenção e na resistência da terreira, enquanto território quilombola. A confluência territorial, presente em seus marcadores, possibilita compreender a produção de um espaço, em conexão com os valores afrocivilizatórios, em defesa da vida, da resistência e de um modo de vida coletivo, que fortalece a territorialidade. Esses marcadores, além de confluírem, também transfluem. Segundo Santos (2015, p. 89), “[...] transfluência é lei, que rege as relações de transformações dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura, se ajunta”. Portanto, os saberes contracoloniais, presentes no Quilombo da Família de Ouro, vêm da confluência e da transfluência das ancestralidades e das memórias de suas origens africanas, presentes nas tradições, que são transformadas pelas diásporas vivenciadas.

Patrícia conta que começou a tocar sua terreira na sala da casa, em que mora (Figura 16). Sua avó, Ruth, tocou uma de suas terreiras na sala da casa de sua mãe, Maria de Fátima (Figura 17). Maiara, irmã de Patrícia, conta que está se preparando para abrir sua própria terreira.

Uma das ações comunitárias, promovidas pela família, durante a pandemia, acontece semanalmente, às quartas-feiras, no Ylê da Mãe Paty. Trata-se de oficinas, destinadas às crianças do entorno, com os objetivos de fortalecer e de difundir a cultura quilombola (Figura 18), bem como de proporcionar atividades às crianças, durante o fechamento das escolas, em razão das medidas de contenção do Coronavírus. As atividades são realizadas ao ar livre, seguindo todos os protocolos de segurança. Outra ação, promovida pelo quilombo, durante



Legenda



Quilombo Família de Ouro



Casa da Priscila



Tenda Mãe do Ouro de Oxum



CRAS - Lomba do Pinheiro



Ylê de Oxum e Ossanha



2° Terreiro da Glória



Ylê de Oyá Nique



Lepo Lepo Lanches



Posto de Saúde



Ylê de Iemanjá



Praça de baixo



Casa de Tia Mara



Padaria Super Mapa



Casa da Mãe Patty



Praça Luiz de Miraldino Castro Jaques



Casa da Fátima Peres



Fruteira do Alemão



Casa de Alcindo Rosa



Escola de Samba Unidos da Vila Mapa



EMEF Villa Lobos



Flora do Melo



Emei Mapa 2



Casa da Paula Juliana



Figura 15 – Mapa dos Marcadores Territoriais do Quilombo Família de Ouro. Fonte: NEGA (2020)

Quilombo Família de Ouro Marcadores Territoriais





a pandemia, é a distribuição de cestas básicas entre as famílias quilombolas (Figura 19).

Apesar da boa convivência da Família de Ouro com a comunidade da Lomba do Pinheiro, Paula Juliana, irmã mais nova de Patrícia e de Maiara, relata que sua terreira Ylê de Oyá Nique (Figura 20) tem sido alvo de ações preconceituosas, por parte dos vizinhos evangélicos. Paula relata, principalmente, a remoção de oferendas na encruzilhada da terreira e o sal, jogado em volta de sua casa, como forma de repúdio. Afora esses incidentes, Patrícia comenta que, na família biológica, todos se entendem, sejam eles umbandistas, sejam de outras crenças.

Outros marcadores importantes na trajetória da Família de Ouro, ao longo de sua história na Lomba do Pinheiro, são a praça Luiz de Miraldino Castro Jaques (Figura 21), a Flora do Melo e a Fruteira do Alemão (Figura 22). O primeiro espaço é uma homenagem a um parente da família, assassinado no lugar, em que, hoje, encontra-se a praça; os dois outros marcadores são lugares de referência, para o abastecimento do Ylê em suas práticas ritualísticas.

A história e a Geografia da Família de Ouro estão intimamente ligadas às tradições africanistas da religião no culto aos Orixás e aos demais guias espirituais. Esta tradição matrilinear, que passa de geração em geração, também se movimenta pelo espaço e estabelece, de forma dinâmica, relações de poder



Figura 16 – Residência de Patrícia Peres da Rosa.
Fonte: NEGA (2020)



e de pertencimento, em relação ao território da vila MAPA no bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre.

Através da cartografia **Quilombo Família de Ouro, 1983** (Figura 23), é possível acompanhar os movimentos realizados, no território, pela avó Ruth, pela dinda Maria Tereza, pela tia Glória e pela mãe Fátima, parentes carnis de Patrícia Peres da Rosa, que representam a ancestralidade e os processos de formação cultural e religiosa da Família de Ouro, que, hoje, refletem-se nas gerações mais novas. Esses movimentos também expressam a evolução da compreensão da família, no que diz respeito à conquista e ao acesso a direitos civis e políticos, para que nunca mais se repita o que aconteceu com a vó Ruth, quando da morte de sua mãe Maria e da expulsão dela da terreira no Partenon.

A busca pelo reconhecimento da trajetória quilombola da família é mais uma das estratégias de preservação da cultura e da identidade religiosas, que fundamentam esta comunidade, o que se mostra, também, uma forma de pressionar pela efetivação de direitos secularmente negligenciados. Em sua reflexão sobre ser quilombola, Patricia comenta:

[...] ser quilombola é reafirmar a nossa identidade, pois todos nós negros, mais claros ou mais escuros, não nascemos em berço de ouro. A gente tá aí, fazendo esse resgate e esperamos respeito por isso. (depoimento pessoal de Patrícia de Lourdes Peres da Costa em entrevista concedida ao NEGA, em 29/09/2020)



Figura 17 – Residência de Maria de Fátima Peres.
Fonte: NEGA (2020)



Figura 18 – Oficinas de quarta-feira no Ylê de Oxum e Ossanha, trazendo formação quilombola para as crianças da comunidade.

Fonte: acervo de Dayanne dos Santos (2020)



Figura 19 – Distribuição de cestas básicas para as famílias da comunidade do Quilombo Família de Ouro

Fonte: arquivo do Quilombo Família de Ouro (2020)



Figura 20 – Terreira Oyá de Nique e residência de Paola Juliana Peres da Rosa.

Fonte: NEGA (2020)



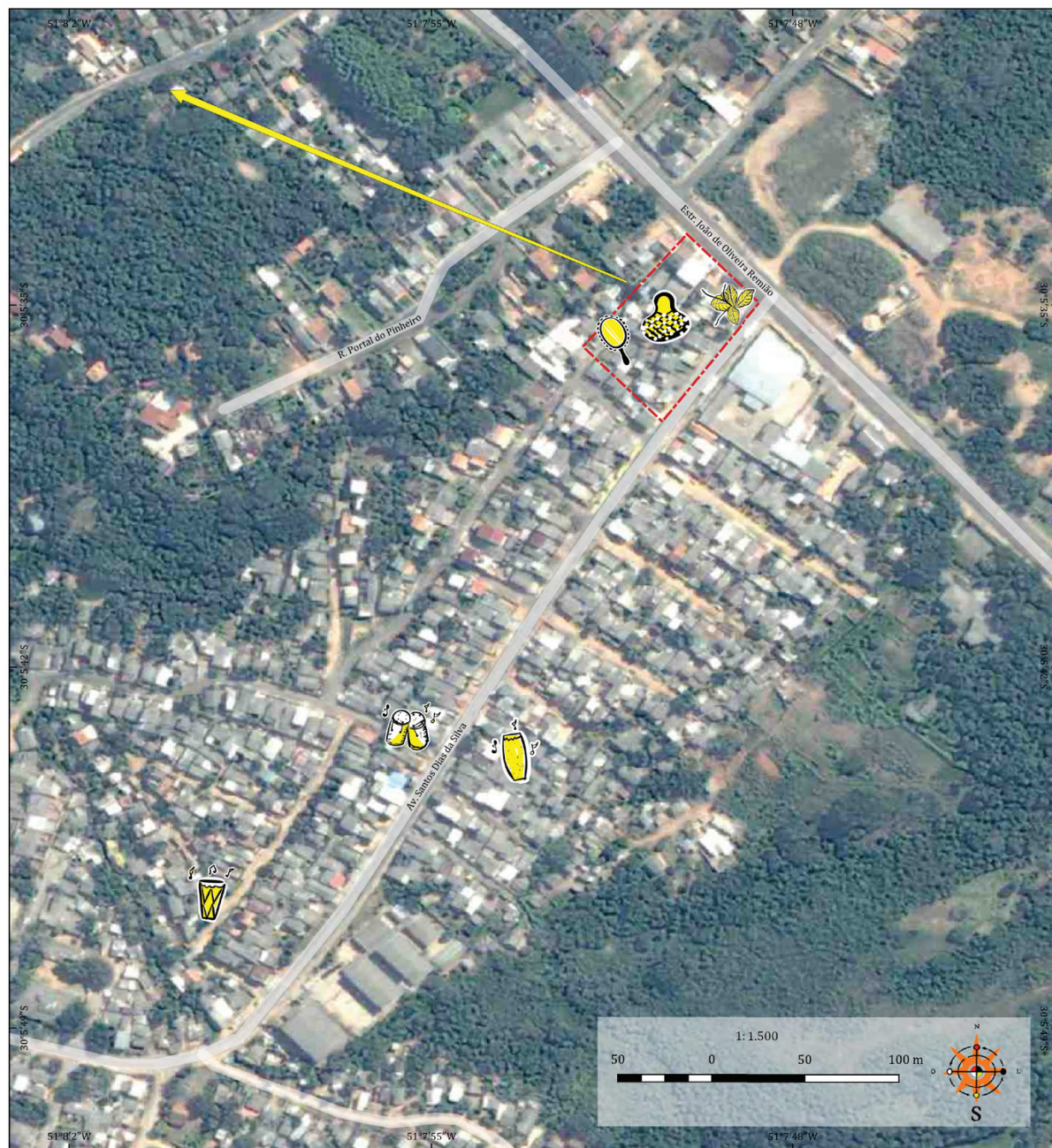
Figura 21 – Praça Luiz de Miraldino Jaques de Castro.
Fonte: NEGA (2020)








Figura 22 – Fruteira do Alemão, um dos lugares de abastecimento do Ylê.
Fonte: NEGA (2020)



QUILOMBO FAMÍLIA DE OURO, 1983



Legenda

-  Terreira da Preta Velha Maria Conga - Terreira da Bisavó Maria, na Rua Paulino Azurenha
-  Área das 3 terreiras da Vó Ruth, Tia Glória e Dinda Maria Tereza
-  Tenda Mãe do Ouro de Oxum - Terreira da Vó Ruth (até década de 1990)
-  Terreira de Iemanjá - Terreira da Tia Glória (até década de 1990)
-  Terreira de Pai Antônio da Dinda Maria Teresa (até década de 1990)
-  Acácia de Ouro de Mãe Iemanjá - Mãe Fátima
-  Segunda Terreira da Vó Ruth
-  Segunda Terreira da Tia Glória

Informações da Aerofotografia

Projeção: Mercator | Datum: WGS 84
Cartografia Social de 29/09/2020.
Imagem do Bairro Lomba do Pinheiro no entorno da parada 4, Porto Alegre/RS.
Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1983.
Cedida em 2021.



Figura 23 – Fotografia aérea do Quilombo Família de Ouro e do seu entorno, em 1983.

Fonte: NEGA (2020)



TRAVESSIAS EM CURSO PELA COMUNIDADE

Apresentamos, neste capítulo, o pertencimento territorial do Quilombo Família de Ouro Ylê de Oxum e Ossanha, fazendo referência ao relatório produzido pelo NEGA, junto à comunidade, em 2020. Este relatório constitui um instrumento técnico, que trata do reconhecimento territorial e da afirmação espacial da comunidade no bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre (RS). Os dados são oriundos da coleta de informações, obtidas no trabalho de campo e na realização do mapeamento coparticipativo.

Ressaltamos que as comunidades quilombolas não podem ser generalizadas nem consideradas territórios homogêneos, que apresentam formas idênticas de organização social e de distribuição espacial, sendo metodologicamente equivocado construir um modelo, como instrumento de pesquisa indiscriminado, a ser utilizado para todas as comunidades ou, mesmo, usar somente informações universais, dispostas por instituições oficiais. Considerando o Decreto nº 4.887/2003, é previsto procedimento como este, a fim de compreender as dinâmicas geográficas dos vínculos territoriais e a caracterização socioambiental da comunidade estudada, a fim de subsidiar o reconhecimento do território quilombola, por parte do Estado.

O Quilombo Família de Ouro Ylê de Oxum e Ossanha, enquanto comunidade tradicional, cumpre as funções de difundir e de preservar os valores africanistas e umbandistas, passados de geração em geração, construindo sua identidade quilombola (Figura 24). Nota-se a forte presença dos valores afrocivilizatórios na formação cultural da família e da comunidade, atendida por esta. Atualmente, o Quilombo Família de Ouro aguarda a finalização do processo de autorreconhecimento, certificado pela Fundação Cultural Palmares.

É importante afirmar que a compreensão sobre as migrações forçadas, quer tenham sido de refugiados ambientais, quer tenham sido oriundas de remoções urbanas na primeira metade do século XX, qualifica a origem e as reais condições, necessárias à afirmação deste espaço como de quilombo. Para Nascimento (2019), os terreiros atuais são elos da continuidade africana, que, sob as mais diversas vicissitudes, jamais perderam seu fio histórico, dentro do labirinto colonial das Américas. Os terreiros são centros de luta e de resistência cultural, portanto o reconhecimento da territorialidade quilombola da Família de Ouro se fundamenta na vinculação entre o simbólico (sagrado) e o espaço, para enfrentar a segregação socioespacial, imposta pelo sistema colonizador. Igualmente, representam a restauração do lugar, enquanto possibilidade de fortalecer vínculos, a partir da retomada territorial, baseada na sua organização social (laços de família/parentesco) e em tradições sagradas. Por fim, cabe salientar, conforme Sodré (2002), que os orixás não podem ser considerados



entidades apenas religiosas, uma vez que representam, sobretudo, suportes simbólico e civilizatório. A necessária fundamentação passa por compreender os sentidos dessas matrizes simbólicas e culturais na existência desse grupo, considerando como estas se apresentam na relação com o espaço. Assim, baseada numa organização solidária, de acolhimento e de resistência, a Família de Ouro luta contra os processos opressivos do contexto da periferia da cidade e promove uma autogestão autônoma do território.

Em 2020, a pandemia do Coronavírus vem apresentando as expressões desumanas do racismo estrutural, presente na organização urbana da cidade, e do genocídio, direcionado aos povos tradicionais, impactando indígenas e quilombolas, como acontece, historicamente, em Porto Alegre. Apesar dessas ações de desestruturação territorial, a comunidade segue nos cuidados com o seu bem-viver, mantendo as atividades de ações comunitárias e as suas redes de apoio, para o enfrentamento da pandemia (Figuras 25 e 26). Atualmente, o Quilombo Família de Ouro aguarda a finalização do processo de autorreconhecimento, certificado pela Fundação Cultural Palmares.



Figura 24 – As netas de Patrícia preparam ervas perfumadas, para as bênçãos da matriarca.
Fonte: acervo de Dayanne dos Santos (2020)



Figura 25 – Família de Ouro no Ato Pelas Vidas, contra o genocídio em curso.
Fonte: Allas Derivas | @derivasjornalismo (2019)



Figura 26 – Vacinação contra o Coronavírus
Fonte: arquivo do Quilombo Família de Ouro (2021)



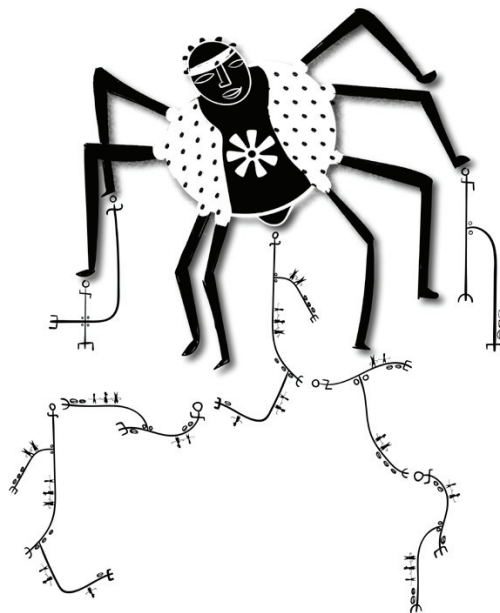
CONVERSANDO SOBRE O QUE ESTAMOS APRENDENDO...

I. Proposta para atividades pedagógicas:

1. **Temática: O Quilombo da Família de Ouro: história e identidade.**

• **Objetivos:**

- Conhecer a história do Quilombo da Família de Ouro;
- Valorizar os saberes tradicionais e fortalecer a identidade quilombola.



2. **Atividade:**

I – O Quilombo Família de Ouro Ylê de Oxum e Ossanha é a oitava comunidade quilombola de Porto Alegre a se autorreconhecer. É uma comunidade, que mantém forte tradição religiosa, de matriz africana. Os locais de prática religiosa de matriz africana são lugares de manutenção de tradições e de resistência, que fortalecem a identidade e o respeito à ancestralidade.

- a) Onde está localizado o Quilombo Família de Ouro?
- b) Há quanto tempo se tem registro da presença dessa comunidade nesse território?
- c) Cite exemplos de marcadores territoriais do Quilombo Família de Ouro.
- d) O que é intolerância religiosa e como ela se manifesta em nossa sociedade?
- e) Qual é a importância da religião para a comunidade do Quilombo Família de Ouro?
- f) Elabore um desenho, demonstrando aspectos culturais da comunidade do Quilombo Família de Ouro.

II – Os Iorubás ou Nagôs são um dos maiores grupos étnico-linguísticos do continente africano. Os povos negros trouxeram para a América sua religiosidade e, junto com ela, o culto aos Orixás. Os Orixás são entidades, que receberam de Oludomare ou Olorum (Ser Supremo, criador dos homens e dos Orixás) a responsabilidade de comandar as forças da natureza. Assim, cada Orixá representa uma força natural e possui características da personalidade humana.



Os Exus (em yorubá, Exu significa esfera) simbolizam o ponto de partida e a força da criação e são o elo entre os humanos e os Orixás. Ogum é representado por um guerreiro e simboliza a força, a guerra, o fogo e a sagacidade. Xangô representa a justiça. Oiá-Iansã é a senhora das tempestades e dos ventos e representa o poder, a coragem e a bravura. Oxum, filha de Iemanjá, é a deusa dos rios, dos lagos e das cachoeiras, representando a sensualidade e a fertilidade. Oxóssi representa a fartura e o sustento, etc.

Assim, temos muitos orixás e cada um possui uma função e características próprias. Para conhecermos um pouco mais sobre o simbolismo das religiões de matriz africanas, podemos realizar, com crianças, a confecção de um jogo de dominó um pouco diferente. Vamos confeccionar peças retangulares (caixinhas), como se cada uma fosse uma peça de dominó, mas, em vez de números, teremos o desenho de um Orixá e uma palavra, que significa a representatividade de cada um. Por exemplo, na representação de Xangô, este se ligaria à palavra justiça; Iemanjá, ao mar; e, assim, por diante. As regras do jogo seriam as mesmas do dominó tradicional, ligando um ao outro, só que, em vez de números, ligam-se as imagens dos orixás e as palavras, correspondentes a sua representatividade.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.

BRASIL. **Lei nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Brasília: Casa Civil, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Eduardo Duarte *et al.* (org.). **Lomba do Pinheiro (Memória dos Bairros)**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e identidade**: o desmantelamento da terra africana e a construção – da Angola colonial (c. 1872-c. 1926). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003. Disponível em: www.africafederation.net/desmantelamento_africano.pdf. Acesso em: 1º mar. 2013.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância Pan-Africanista. Prefácio de Kabengele Munanga e texto de Elisa Larkin Nascimento e de Valdecir Nascimento. 3. ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: Modos e significações. Brasília: UnB/INCTI, 2015.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.



TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Percurso Metodológico*. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Modos de Brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A Cor da Cultura, v. 5)

FICHA TÉCNICA – QUILOMBO FAMÍLIA DE OURO

Relatório técnico e texto didático-pedagógico: Carlos de Henrique de Oliveira Aigner, Cláudia Luísa Zeferino Pires, Diego Mittmann Kaiser Barboza, Francine Suelen da Rosa Martins, Giulia Assunção Sichelero, Glória Farias Gonçalves, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores, Maiara Priscila Peres da Rosa, Mara Rejane Ribeiro, Marilu Martins, Paola Juliana Peres da Rosa, Patrícia de Lourdes Peres da Rosa, e William de Oliveira Silva da Silva.

Fotografia: Dayanne Santos.

Ilustração: Gabriel Muniz.

Cartografias: Cláudia Pires, Gabriel Muniz, Hiago Godoi Barth, Laisa Zatti Ramires Duque, Lara Bitencourt, Matheus Eilers Penha e Winnie Ludmila Mathias Dobal.

Trabalho de campo: Francine Suelen da Rosa Martins, Glória Farias Gonçalves, Lara Bitencourt, Maiara Priscila Peres da Rosa, Mara Rejane Ribeiro, Marilu Martins, Matheus Eilers Penha, Paola Juliana Peres da Rosa, Patrícia de Lourdes Peres da Rosa, Winnie Ludmila Mathias Dobal

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à comunidade do Quilombo Família de Ouro, em especial, às companheiras de luta Patrícia, Maiara Peres e Paula Juliana, pela acolhida, pelo diálogo e pelas muitas conquistas, que ainda estão por vir. Agradecemos ao movimento social Frente Quilombola do RS e ao Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ/RS), que se dispuseram na mediação e no diálogo, junto à comunidade, sobretudo, no amparo jurídico.

